

O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NA SALA DE AULA: RÁDIO

Maria da Graça Carvalho da Costa¹

RESUMO

O presente artigo pretende discutir o uso do rádio em sala de aula como recurso de produção e abordagem de conteúdos pedagógicos. Destacar-se-á a importância dessa mídia para a aprendizagem dos educandos, como também o desenvolvimento do senso crítico destes. Mostra a pertinência do uso dessa mídia para a escola, promovendo a interpretação e a produção da linguagem radiofônica, já que é um espaço de reflexão e emancipação intelectual. Esta discussão baseia-se em pesquisa bibliográfica. Dialoga com os teóricos, mostrando a importância à releitura do paradigma educacional, buscando na educomunicação uma nova postura no fazer pedagógico. Mediante isso, ressalta-se a relevância do uso do rádio como meio de ensino/aprendizagem e construção do conhecimento no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Rádio. Paradigma Educacional. Educomunicação. Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT

This article discusses the use of radio in the classroom as a resource production and approach to teaching content. It will highlight the importance of this

1. Graduada em Letras-Português e Pós-Graduada em Tecnologias Educacionais pela Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: gracinhaccfj@hotmail.com

media for the students' learning, as well as the development of these critical sense. Shows the relevance of using this media to school, promoting the interpretation and production of radio language, as it is a space for reflection and intellectual emancipation. This discussion is based on bibliographic research. Dialogues with theorists, showing the importance of rereading the educational paradigm, seeking a new position in educational communication in pedagogical practice. Through this, it emphasizes the importance of using radio as a teaching/learning and knowledge building in the school environment.

KEYWORDS

Radio. Educational Paradigm. Educational Communication. Teaching/Learning.

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia está presente no cotidiano dos indivíduos, além do caráter informativo, desempenha, também, um importante papel na educação (sala de aula). Desse modo, os conteúdos didáticos podem ser articulados com as mídias que por intermédio de atividades propostas pelo docente despertam a curiosidade dos educandos e facilitam o processo educacional.

Com o uso das mídias muda-se a metodologia, como concebe a educação, ou seja, é um novo paradigma que se introduz para atender às exigências da sociedade. Este novo paradigma em educação esclarece qual o melhor modo de se trabalhar, utilizando as TICs como apoio pedagógico, objetivando a plena interação, bem como o desenvolvimento do senso crítico e cognitivo dos alunos.

A educomunicação abrange desde as tecnologias simples, o rádio, por exemplo, até as complexas, como a internet. Porém, neste estudo será abordado o uso do rádio na sala de aula, destacando os benefícios que tem, enquanto mediação tecnológica, para a educação. Uma das características desse campo de construção é a intervenção social, ou seja, as reflexões se traduzem em ação tanto dentro do contexto escolar, quanto fora, na comunidade.

Mediante isso, o docente tem a responsabilidade de intervir no processo de recepção das informações, instigando os discentes a refletirem criticamente sobre o que a mídia apresenta. Para tal interpretação é pertinente que os agentes ativos (professor e alunos) conheçam a linguagem e o material próprio do rádio.

Dentro desse contexto, este artigo tem por objetivo explicar por meio de discussões teóricas acerca do uso das TICs na sala de aula com a utilização do rádio, possibilitando uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. Ressalta-se a relevância do uso do rádio como meio de ensino/aprendizagem e construção do conhecimento no ambiente escolar.

O presente estudo aborda os seguintes itens: Paradigmas em educação, faz um apanhado das teorias não críticas e as teorias críticas sobre educação dando um exemplo destas para chegar a educomunicação; O uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) trata desse uso como mediação tecnológica; O uso do rádio na sala de aula aborda a produção radiofônica como apoio pedagógico e emancipação intelectual. Desse modo, a pesquisa busca despertar a reflexão do leitor sobre as possibilidades que as tecnologias oferecem para a transformação das práticas pedagógicas.

2 PARADIGMAS EM EDUCAÇÃO

Paradigma segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 1429) é 'um exemplo que serve como modelo; padrão', que deve ser seguido para o bom desenvolvimento do grupo. Em educação têm-se modelos de teorias não críticas e teorias críticas que são praticadas ao longo da história no ambiente escolar. As teorias não críticas são aquelas pedagogias que impõem ao alunado conhecimentos 'prontos e acabados', sem dar a oportunidade de interação com o professor e os demais colegas.

Por exemplo, nestas teorias encontra-se a Pedagogia Tradicional que, de acordo com Aranha (2006, p. 65; 67) 'Os métodos usados dificultavam a aprendizagem, em que se acentuava o recurso de [...], repetição, memorização. [...] predominava o saber erudito, distanciado do cotidiano', proporcionando uma separação entre escola e família.

Como pode ser observado nesta pedagogia o professor é aquele ser superior que detém todo o conhecimento, e os discentes são seres inferiores que absorvem conhecimento do mestre. Seus métodos de ensino são: o profissional da educação passa o assunto e os alunos recebem sem questionar as fontes do conhecimento exposto; os conhecimentos prévios ou realidade social destes não são considerados no processo educativo. Desta maneira, a aprendizagem acontece de forma artificial, levando aos educandos a estudarem 'memorizando' para ganhar nota, e não para adquirir conhecimentos.

Já as teorias críticas, como o próprio nome diz, promove o desenvolvimento do senso crítico dos indivíduos, tornando-os sujeitos ativos dentro da sociedade, sendo que cada teoria crítica defende uma ideia similar à outra, pois o objetivo é o mesmo. Suas ideias se clarearam quando foi escrito o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, por Anísio Teixeira e Lourenço Filho no Movimento da Escola Nova. Com este manifesto mostraram que tinham consciência da importância da educação para o desenvolvimento econômico e social.

Exemplificando, tem-se a Pedagogia Progressiva defendida pelo educador e pensador Anísio Teixeira. Teixeira (apud ARANHA, 2006, p. 334) justificou a preferência deste nome da seguinte maneira: 'E progressiva por quê? Porque se destina a ser a escola de uma civilização em mudança permanente [...] e porque, [...], como essa civilização, está trabalhada pelos instrumentos de uma ciência que ininterruptamente se refaz'.

Com isso afirma que a educação precisa acompanhar as mudanças sociais, já que o conhecimento não é estagnado como apregoa a Pedagogia Tradicional, pois está em constante mudança. Essa pedagogia defende que para acompanhar a mudança permanente da ciência os educandos precisam refletir, debater e produzir conhecimento para então conquistar a autonomia e a responsabilidade de cidadãos atuantes. Para tanto, a educação precisa integrar uma parcela da vida, fazendo relação entre

os conteúdos teóricos e as experiências cotidianas por meio de círculos de cultura. Esta é a metodologia do educador Paulo Freire que acredita que quem tem conhecimento interfere na realidade.

Dentre as teorias críticas pode-se destacar a educação responsável pela explicação de funcionamento do uso das TICs na educação. Por este paradigma entende-se que é um neologismo que não somente une duas áreas do saber, a educação e a comunicação, mas também tem o seu elemento inaugural no terceiro termo da palavra, a ação. Esse novo campo do conhecimento se apresenta, conforme Soares (2006, p. 3), da seguinte forma:

Trata-se, então, de um espaço no qual transversa saberes historicamente constituídos. Como um tabuleiro no qual se lançam pedras para, com elas, construir grandes lances – assim se apresenta esse novo campo. Não importa a origem das peças, assim como não se privilegia quem possa colocá-las ali. Seja qual for o tipo ou a forma de conhecimento, o campo não somente tem condições de recebê-los, mas, sobretudo, de promover o diálogo com ele e dele com os outros.

Observa-se que na educomunicação não se exclui cultura, nem conhecimento de quem dialoga nesse espaço dando, desta maneira, importância aos saberes dos participantes, utilizando-os para construir outros conhecimentos. Esta construção se dá por intermédio do diálogo entre os envolvidos que desenvolvem o assunto de determinado tema em conformidade com o grau da maturidade desses. Dentro desse novo campo além da construção do conhecimento a partir do saber prévio dos participantes, do saber adquirido nesse processo promove, também, a autonomia dos envolvidos na busca do conhecimento e na forma de pensar.

Com isso, pode-se afirmar que a educomunicação é um espaço onde transita variados conhecimentos que dialogam e interagem para o bem comum. É área transdisciplinar que valoriza as experiências dos envolvidos, sendo essas utilizadas como base para a mudança da realidade escolar e/ou comunitária. Para tanto, precisa-se levar em consideração o contexto social, cultural, econômico e regional do

ambiente que se pretende transformar, pensando na melhor forma de intervenção social. Colocar em prática o que foi pensado, debatido em um grupo escolar somente é possível com a colaboração de todos os integrantes do ambiente pretendido.

Diante disto, além dos debates, torna-se imprescindível uma mobilização comunitária, objetivando a mudança do contexto social. Os meios tecnológicos podem contribuir bastante para esse fim, pois formar opinião, dialogar sobre ideias que amenizem o problema refletido dentro da mídia escolhida favorece a aprendizagem e a propagação do conhecimento. A seguir será tratado sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação como apoio pedagógico no processo de recepção das informações.

3 O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs)

Ao optar pelo uso das mídias em sala de aula o professor deve pensar em que direção seguir com a finalidade de atingir uma intenção, neste caso a formação dos discentes. Antes, a escola necessita ter sistema educacional que leve a sua concretude, conforme Rays (2010, p. 96) ressalta:

A materialização da sistematização da educação exige, portanto, a opção por uma metodologia de ensino que realize a mediação entre: teoria e prática, pensamento e ação, sujeito e objeto, esferas heterogêneas da vida (vida cotidiana) e esferas homogêneas da vida (vida não cotidiana); entre o saber que o educando domina e o saber que o educando não domina, e, enfim, entre as relações não conscientes com o mundo (mecânicas) e as relações conscientes com o mundo (críticas).

A metodologia mediadora citada é o caminho por onde se insere o indivíduo no mundo científico da cultura escolar, proporcionando ao educando o desenvolvimento do senso crítico na sua forma de pensar e interagir com o meio social a que pertence. Para tanto, essa mediação possibilitará de maneira processual a superação do senso comum dando lugar ao científico, isto é, o aluno sai do campo do achismo para o campo

das certezas comprovadas pelo homem. Esta mudança de pensamento reflete na prática, não apenas exercida dentro do âmbito escolar, mas também fora dele o estudante deve agir criticamente.

Para se chegar a tal finalidade a metodologia precisa ser significativa, de modo que faça sentido ao educando. Portanto o profissional da educação deve considerar a realidade social dos seus alunos adotando uma metodologia contextualizada. Por esta metodologia entende-se, segundo Rays (2010, p. 100-101), que: 'nasce e renasce da situação didática em desenvolvimento, de uma situação didática específica que envolva (em termos de proximidade) a totalidade das contradições da problematidade do mundo educacional e do mundo social'.

Diante disso, relaciona-se uma situação cotidiana dos estudantes ao assunto abordado em sala de aula para melhor compreensão destes. Varia-se de acordo com a mudança do conteúdo ministrado, escolhendo uma situação social que exemplifique o pretendido. Conforme a condição socioeconômica, a região, localidade em que residem e o fator tempo as situações relacionadas modificam-se. Desse modo, condiciona-se um método de ensino e aprendizagem que assista as necessidades cognitivas dos escolares.

O uso das tecnologias com fins educativos contribui significativamente na aprendizagem do aluno, como também no desenvolvimento crítico deste. Para que esse uso tenha êxito é preciso, antes da sua utilização, fazer uma pequena pesquisa com os educandos, ter uma conversa, por exemplo, ou apenas os observar no momento do recreio quando estão dialogando sobre o que tiverem acesso, como telenovela, filmes, Facebook, programas de auditório, etc. dando atenção aos seguintes fatores destacados por Orofino (2005), relacionados:

- 1) às lógicas e contextos de produção, difusão e tecnologias utilizadas;
- 2) à análise das mensagens;
- 3) aos modos de recepção, apropriação ou recusa dos produtos da mídia (localidades, subjetividades, identidades, processos de consumo e ressignificação). (OROFINO, 2005, p. 41).

No item um aborda sobre as condições de produção das mídias, isto é, com quais intenções, direcionados a quem, e qual meio tecnológico os alunos utilizaram. As condições de produção se referem à intenção em que certos programas são produzidos e quem é o seu público alvo, já em relação ao meio tecnológico articula sobre qual aparelho utilizado para se ter acesso a esses programas, como por exemplo: TV, rádio, computador, internet. No item dois trata da interpretação que o discente faz sobre o que lhe é apresentado no programa. No item três diz respeito ao modo que os alunos recebem as informações, ou não aceitam o que é apresentado pela mídia.

Os dois últimos itens são umbilicalmente ligados a fatores como: faixa etária; identidade pessoal; subjetividade; religião; etnia; cultura local; cultura escolar; posição socioeconômica; ressignificação; grupos que participa; processos de consumo; orientação sexual; formação familiar. Todos esses fatores servem de base para o indivíduo considerar se certo programa é bom, ou não gosta de tal programa, porque passa uma ideia da qual não concorda, ou ainda, resiste à mensagem. Sendo assim, cada fator desses proporciona uma leitura da realidade.

As mídias apresentam mensagens com várias possibilidades de interpretação, por isso ao serem trabalhadas na escola devem ser mediadas por esta instituição social. Em relação à mediação pedagógica Perez e Castillo (apud MORAN, 2009, p. 145) afirmam que 'busca abrir caminho a novas relações do estudante: com os materiais, com o próprio contexto, com outros textos, com seus companheiros de aprendizagem, incluindo o professor, consigo mesmo e com o seu futuro.' Portanto a comunidade e a escola não devem ser tratadas separadamente, já que o meio social em que a instituição educativa está inserida é a realidade cotidiana dos educandos.

A postura mediadora que a escola deve assumir em especial os professores é justamente dar condições para os discentes criarem um novo sentido de interação com os meios, como também terem outro olhar de interação. Esse novo sentido

é o pedagógico que implica a ética, a cidadania, o social fazendo com que reflitam, construam conhecimento e desenvolvam o senso crítico. Já a mediação tecnológica refere-se ao rádio, TV, computador e internet sendo elas mesmas mediadoras com sua linguagem e material próprio. Desta forma, mediação significa intervenção humana e/ou tecnológica no processo de recepção.

Segundo Orofino (2005, p. 41) 'é preciso pensar também em como endereçar algum tipo de resposta aos meios'. Desse modo, a escola toma uma posição que faz os alunos/cidadãos refletirem sobre o que é imposto pelo mercado visando aos interesses deste. Portanto, pode-se dizer que a escola é um espaço de mediações com público heterogêneo, bastante diversificado, mas que por meio da ação e intervenção escolar tornam-se pessoas críticas.

Na escolha da mídia a ser trabalhada na sala de aula deve ser considerado a realidade social dos educandos. Conforme Volpi e Palazzo (2010, p. 20) 'Cada proposta deve ser pensada de acordo com as especificidades e demandas locais' para que seja escolhida uma mídia pertinente aos interesses e necessidades do grupo. Optar pelo meio tecnológico que os alunos têm acesso torna-se viável a produção do material midiático, isto porque esses estão familiarizados com as produções comerciais da tecnologia escolhida. No item seguinte será abordada a produção radiofônica na sala de aula como apoio pedagógico e emancipação intelectual.

4 O USO DO RÁDIO NA SALA DE AULA

O uso do rádio na sala de aula traz benefícios aos educandos, faz o professor repensar suas práticas pedagógicas, adquirir novos conhecimentos que não são encontrados nos livros. Independentemente da matéria, Consani (2010, p. 38) ressalta que: 'A disciplina específica de cada docente, qualquer que seja ela, pode servir de ponto de partida para a integração das áreas de conhecimento, quebrando as barreiras que eventualmente fragmentam o currículo escolar'.

Com isso, destaca-se o caráter transdisciplinar que viabiliza usar outros campos do saber, a partir de uma disciplina ministrada na escola para dar apoio teórico às discussões. Estas discussões devem apoiar-se, também, nas experiências de quem está debatendo, valorizando-as na construção do saber pertinente às necessidades do espaço escolar e comunitário. Assim, coloca-se a educação a serviço do bem comum, na mudança da sociedade de forma prática.

O caráter transdisciplinar dá uma visão geral sobre a situação discutida e a oportunidade de entendê-la na sua particularidade. Em uma aula de Produção Textual (Redação), por exemplo, pode-se promover um debate sobre o desperdício de água, a partir da leitura de um texto referente ao tema a ser discutido. Começar por debates, solicitar a escrita da opinião dos estudantes é um bom início para o uso do rádio. Porém, o docente precisa conhecer e dominar esta mídia, saber ler as produções criticamente para que haja emancipação intelectual.

Acorda-se que cada mídia tem sua linguagem e material próprio. No caso do rádio, esta mídia trabalha principalmente com o som, recordando a oralidade com que os adultos passavam histórias às novas gerações sem preocupação com a norma culta da língua, desenvolveu-se a oralidade radiofônica. Consani (2010, p. 28-29) define:

Oralidade radiofônica – vai se modificando com a inclusão de fórmulas de expressão consagradas pela audiência, mantém um certo respeito às normas cultas de expressão (afinal, ela é cultivada pelos profissionais da comunicação) e representa os interesses político, econômico e cultural de vários grupos sociais distintos.

A oralidade radiofônica admite utilizar expressões populares para causar simpatia nos ouvintes, fazer-se viável, contudo tem compromisso com a norma culta. Este compromisso faz os discentes participantes do rádio na sala de aula dar bastante atenção ao modo como falam e como escrevem para estarem conforme a mídia radiofônica. Esta atenção mostra que os alunos se preocupam em usar a norma

culta, o que em muitos casos de pessoas escolarizadas não acontece. Isso pode ser observado principalmente na produção do programa de rádio nas aulas.

Ao escrever um roteiro radiofônico é interessante pensar em todas as partes da programação para que não ultrapassem o tempo previsto. Pode-se começar na escolha do nome do programa, depois o fundo musical deve ser optado, segundo Volpi e Palazzo (2010, p. 44), 'por meio da observação dos conteúdos propagados pelas letras das músicas'. A interpretação da mensagem musical é relevante para que seja escolhida a que comporta conteúdo similar à proposta do programa.

O exercício de analisar a letra de músicas desperta nos participantes a habilidade da observação, leitura das entrelinhas, conseqüentemente, leitura de sentido e desenvolvimento do senso crítico. No roteiro dever-se-á indicar o momento da música de fundo precedida pelas siglas BG ou TEC que significam fundo musical, podendo ser somente o som dos instrumentos, trecho da música ou efeitos sonoros. A escrita do texto radiofônico deve ser clara, precisa e com frases curtas, já que os ouvintes não têm o texto em mãos para observarem a informação inicial da fala do locutor.

Na elaboração de um programa de rádio deve-se contemplar tudo o que se pretende fazer durante este, eliminando-se, desta forma, o improviso no momento da execução. Sendo assim, o planejamento do programa é pertinente aos educandos, pois de acordo com Consani (2010, p. 31) 'tanto se aprende a estruturar as ideias, quanto elaborar roteiros para entrevistas, reportagens, radionovelas e todos os demais gêneros da radiofonia.' Conforme a democracia, os discentes definem de que maneira o assunto será abordado.

Com a programação definida precisa-se escolher o texto de um participante, pesquisar sobre o conteúdo do texto produzido, revisá-lo em grupo, acrescentar informações se necessário. Isto é, a preparação de uma pílula (assunto central delimitado da pauta). A revisão conjunta permite que educador e alunos tornem-se parceiros no pro-

cesso de aprendizagem. Portanto, valorizam-se os conhecimentos prévios dos escolares, promove a construção do saber, como também a aprendizagem dos conteúdos específicos da disciplina.

Os gêneros radiofônicos são todos aqueles empregados nesta mídia. Por outro lado, é sabido que os gêneros produzidos em outros veículos de informação e comunicação são adaptados ao rádio. Desta maneira, quer que faça essas adaptações, quer que seja produzido texto dentro dos moldes desse veículo a competência de interpretação, a liberdade na busca do conhecimento e na expressão é adquirida no processo de elaboração do programa.

Dentre os gêneros radiofônicos destaca-se o jornalístico que tem por principal característica o ato de informar. Este gênero apresenta várias formas de produção, entre elas Consani (2010, p. 79) salienta 'A notícia, forma que sintetiza o gênero jornalístico, precisa contar com três qualidades básicas: ser nova, interessante e verdadeira". Na sala de aula pode-se trabalhar com notícias antigas que provoquem o interesse dos educandos em aprofundar o tema e que a informação seja veraz.

A notícia pode auxiliar em disciplinas de caráter histórico e científico. Assim, elaborar uma narração noticiando a vinda do Marquês de Pombal para o Brasil ou a descoberta da força da gravidade é bastante proveitoso para os discentes. Esta forma de produção jornalística exige dos produtores que sintetizem a notícia, deixando apenas as informações necessárias ao ouvinte. Precisam omitir suas opiniões, deixando a notícia precisa e objetiva para o ouvinte formar sua própria opinião. A linguagem deve ser o próximo possível do público, mas em conformidade com a norma culta.

O debate é outra forma de produção desse gênero que envolve a participação de muitos alunos. Essa produção permite que os participantes expressem suas opiniões, sejam elas parecidas ou diferentes as dos colegas, sobre um assunto atual. Consani (2010, p. 90) define:

Um debate nada mais é que a transmissão de uma notícia ou tema de interesse, analisada a partir das opiniões conflitantes representadas por [...] convidados. Nesse caso, quem ouve um debate toma contato com [...] vários enfoques diferentes personificados pelos debatedores.

Neste estilo jornalístico a dinâmica acontece na expressão de opiniões de vários seguimentos da sociedade. No contexto educacional tanto pode cada educando defender seu ponto de vista sobre o homossexualismo, por exemplo, quanto criarem personalidades da sociedade para debaterem, como um teatro. Para o debate causar interesse é importante que os escolares escolham qual tema querem abordar. Durante as discussões o professor deve estar sempre atento para saber contornar a situação, uma vez que o debate tem caráter divergente os debatedores podem se exaltar.

Outro gênero radiofônico é o cultural e educativo que abrange produções de cunho recreativo e informativo, de natureza institucional. Dentre as produções deste gênero destaca-se a radiodramaturgia que trata da ficção no rádio, uma forma de entretenimento. Esta produção ficcional enquadra o radioconto, que é a criação ou a adaptação de histórias curtas com a intensão de serem narradas nesta mídia, e a radionovela, que é a maior representante da radiodramaturgia.

A encenação de uma radionovela na sala de aula não é tarefa fácil, mas não impossível, precisa-se de iniciativa e de perseverança. Nesta produção envolve muita gente, exigindo que os participantes sejam desinibidos ao expressarem-se, ainda serem criativos. Pedagogicamente esta produção oferece benefícios aos envolvidos, Consani (2010, p. 93-94) enumera:

- versatilidade da produção, que pode ser tematizada sobre conteúdos de todas as disciplinas da grade curricular;
- estilo normalmente coloquial de texto, que facilita a expressão escrita;
- ludicidade, que propicia uma maior desenvoltura dos participantes na expressão oral;
- proximidade direta com a Literatura, que é um componente obrigatório do currículo de línguas.

Diante disto, as vantagens são perceptíveis, de modo que as possibilidades de criação são diversas, tendo nas disciplinas escolares a base temática. A escrita por ser coloquial não significa que a gramática da língua seja esquecida, apenas se valoriza formas de expressão popular e/ou informais, o que é um chamariz para abordar sobre o preconceito linguístico, a dicotomia fala/escrita, a variedade linguística. O lúdico favorece a expressão oral sem timidez, ousando na criatividade da entonação da voz, da forma de expressão, a partir da interpretação que se faz da obra adaptada ou da intenção pretendida da produção criada. Desta forma, há uma aproximação da Literatura, já que o drama é um gênero literário.

Une-se a isso o formato parecido com a novela (telenovela) e o filme que os alunos conhecem bem, o uso da trilha sonora, sendo analisada antes da utilização, uso de efeitos sonoros para mostrar por meio da percepção auditiva o espaço em que acontece a narrativa. Como toda produção desta mídia é sonora, sobretudo esta em particular, provoca no ouvinte a necessidade de imaginar por meio das características que se deixa passar na narrativa, o local e os personagens.

Volpi e Palazzo (2010, p. 55-56) afirmam que 'convergem tanto o letramento e o domínio da língua portuguesa (capacidade de pesquisa e expressão) quanto a participação e o ensino contextualizado (conteúdos relevantes)". Ressalta-se que esta afirmativa sobre o jornal pode ser atribuída aos gêneros radiofônicos abordados.

Sendo assim, na medida em que se elabora uma programação radiofônica adquirem-se novos conhecimentos, aumentam o vocabulário, expressam-se melhor, os erros ortográficos diminuem, têm-se a liberdade de aprofundar o tema, de expor a própria opinião, capacidade de interpretar e produzir textos criticamente. Soma-se a isso a oportunidade de conhecer melhor o outro, intensificar a amizade, exercer a ação de ouvir as colocações do colega e dialogar com este.

5 CONCLUSÃO

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) como meio de ensino/aprendizagem em ambiente escolar exige a releitura da norma educacional. Uma vez que os paradigmas educacionais antigos não contemplam o uso das TICs busca-se na educomunicação o modelo pedagógico adequado. Este campo de conhecimento depende da maturidade dos indivíduos que debatem para amadurecer a ideia, logo construir o conhecimento, discutindo transversalmente.

O uso das TICs na sala de aula como apoio pedagógico requer dos professores o entendimento desta utilização como mediação tecnológica. Assim, esses profissionais trabalharão conscientes do objetivo dessa mediação com fins pedagógicos, que é formar cidadãos críticos, agentes ativos que contribuam na sociedade. Com isso, entende-se que esta ação educativa, também, é mediação, podendo-se afirmar que mediar é intervir no processo de recepção das informações.

Para isso, a metodologia deve ser contextualizada, de modo significativo, o que é possível com a aproximação da realidade social dos educandos ao conteúdo ministrado em sala de aula, variando-se os exemplos de acordo com o assunto. O docente deve considerar essa realidade ao escolher a tecnologia que esses têm acesso, promovendo uma interação que reflita as necessidades da comunidade em que residem. Portanto, escola e contexto social não devem ser separados.

A mídia discutida neste artigo foi o rádio que tem no som seu elemento principal, apelando ao sensor auditivo, porém não deixa de usar a escrita para elaboração de programas. Sendo assim, o uso radiofônico além de desenvolver uma expressão oral clara e objetiva, auxilia na aquisição da norma culta da Língua Portuguesa. Seja na fala ou na escrita esta aquisição é percebida nas aulas, bem como a aprendizagem dos conteúdos curriculares.

No debate os discentes desenvolvem o senso crítico por meio do exercício de escutar a opinião do outro, refletir sobre o assunto e interagir. Quando produz uma programação radiofônica promove-se a autonomia em pesquisar, em expor opinião da leitura que se faz da realidade, contribui no exercício de pensar individualmente e trabalhar em grupo. Desta maneira, possibilita uma aprendizagem significativa com sentido prático, dando todas as condições para os estudantes conquistarem a emancipação intelectual.

Ainda, na elaboração de um radioconto ou de uma radionovela a criatividade é característica fundamental, sendo que nas outras produções do rádio utiliza-se esta característica, mas não da mesma forma que na radiodramaturgia. Os benefícios são inúmeros, pois a convivência na produção do material midiático aproxima os envolvidos, estreitando a amizade na turma, como também torna um ambiente harmonioso. Nesse processo tanto educador quanto alunos aprendem juntos, proporcionando um ensino/aprendizagem proveitoso.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16.ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2009.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação Escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAYS, Oswaldo Alonso; Metodologia do Ensino: Cultura do caminho contextualizado. In. VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. 28.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010, p. 93-108.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?** São Paulo, maio de 2006. Disponível em: <<http://www.portalgens.com.br>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

VOLPI, Mário; PALAZZO, Ludmila. **Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo! Sistematização da Experiência em Educomunicação**. Brasília, agosto de 2010. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.

Recebido em: 8 de março de 2014
Avaliado em: 16 de março de 2014
Aceito em: 16 de março de 2014
